Compreendendo o comportamento infantil

Observar o contexto para responder com mais clareza, vínculo e intenção

Quando uma criança chora, grita, se recusa, se afasta ou joga alguma coisa no chão, é natural que o adulto queira interromper rapidamente aquela situação. Nesses momentos, porém, podemos enxergar apenas o que apareceu e deixar de perceber o contexto em que aconteceu.

Observar ajuda a organizar perguntas antes de escolher como agir. Não se trata de aceitar tudo nem de encontrar uma explicação pronta, mas de compreender melhor o que a criança viveu, o que conseguiu fazer naquele momento e o que ainda precisa aprender.

UM MAPA EM TRÊS PARTES

1

ANTES

O que estava acontecendo?

Ambiente, pessoas, instruções, mudanças, espera, interrupções, sono, fome, dor, cansaço ou sobrecarga.

2

RESPOSTA

O que a criança fez?

Ações observáveis: chorou, gritou, empurrou, saiu da atividade, pediu ajuda ou ficou em silêncio.

3

DEPOIS

O que aconteceu em seguida?

Como as pessoas responderam? Algo foi retirado, adiado, oferecido ou modificado?

IMPORTANTE

A sequência antes - resposta - depois é um ponto de partida para observar. Um episódio isolado não permite concluir por que um comportamento aconteceu.

Observar antes de interpretar

Descrição e julgamento não são a mesma coisa

Quando interpretamos muito rápido, podemos atribuir à criança intenções que ainda não foram investigadas. Palavras como “birrenta”, “preguiçosa”, “manipuladora” ou “desobediente” resumem a situação em um rótulo e dificultam a identificação do que realmente aconteceu.

JULGAMENTO

“Ela fez birra porque queria me desafiar.”

DESCRIÇÃO

“Quando soube que a brincadeira terminaria, chorou, deitou no chão e disse que não guardaria os brinquedos.”

Uma descrição objetiva não elimina emoções, necessidades ou responsabilidades. Ela cria uma base mais segura para formular perguntas.

O QUE PODE ESTAR INFLUENCIANDO?

CORPO

Sono, fome, dor, cansaço, necessidade de movimento ou desconforto físico.

AMBIENTE

Barulho, excesso de estímulos, muitas pessoas, mudanças ou pouca previsibilidade.

EMOÇÕES

Medo, tristeza, ansiedade, frustração, irritação ou vergonha.

COMUNICAÇÃO

Dificuldade para pedir ajuda, recusar, esperar, explicar ou negociar.

DEMANDAS E HABILIDADES

A tarefa pode estar extensa, confusa ou exigir algo que a criança ainda está aprendendo.

RELAÇÕES E APRENDIZAGEM

Experiências anteriores e respostas das pessoas podem influenciar o que a criança tenta fazer novamente.

COMPREENDER NÃO É PERMITIR TUDO

Podemos reconhecer que uma criança está frustrada e, ao mesmo tempo, manter um limite necessário. Acolhimento e firmeza podem existir juntos.

O que aparece não conta a história inteira

A mesma resposta pode acontecer por razões diferentes

SITUAÇÃO

Um adulto pede que a criança guarde os brinquedos. Ela chora e diz que não vai guardar.

O QUE ACONTECEU ANTES?

A brincadeira foi interrompida sem aviso?
A criança estava cansada ou com fome?
A instrução foi clara?
Havia muitos brinquedos espalhados?
Ela sabe como começar e organizar a tarefa?

O QUE ACONTECEU DEPOIS?

A tarefa foi retirada ou adiada?
O adulto fez tudo pela criança?
Houve ajuda para começar?
A instrução foi repetida muitas vezes?
A situação terminou com ameaça, discussão ou negociação?

HIPÓTESES POSSÍVEIS

- Dificuldade para interromper uma atividade agradável.
- Tentar adiar ou evitar a demanda.
- Ter poucos recursos por cansaço, fome ou sobrecarga.
- Não saber como iniciar uma tarefa extensa.
- Precisar de ajuda, sem ainda saber pedi-la.

REGISTRO NÃO É DIAGNÓSTICO

O registro descreve a sequência e ajuda a perceber padrões. A função do comportamento é uma hipótese construída por observações repetidas e cuidadosas. Em situações complexas, frequentes ou de risco, essa investigação deve contar com avaliação profissional.

Responder para ensinar

O objetivo não é apenas interromper o comportamento

Uma resposta pode encerrar a situação naquele momento sem ajudar a criança a desenvolver uma alternativa. Ensinar envolve proteger, manter limites, oferecer apoio compatível e construir habilidades que possam ser utilizadas novamente.

1. PAUSE E OBSERVE

Perceba também o seu estado. Se estiver muito ativado, reduza o ritmo, aproxime-se com segurança e use poucas palavras.

2. RECONHEÇA A EXPERIÊNCIA

“Você queria continuar brincando.” “Foi difícil parar de repente.” Reconhecer não significa concordar com todas as ações.

3. MANTENHA O LIMITE

“Você pode ficar frustrado. Não pode bater.” “Agora precisamos guardar os brinquedos.”

4. ENSINE UMA ALTERNATIVA

Ajude a pedir pausa, solicitar ajuda, dividir a tarefa, esperar, reparar ou expressar a insatisfação de outra forma.

5. AJUSTE E OBSERVE

Avise antes das transições, reduza etapas, torne a instrução mais clara, ofereça apoio para começar e observe se o ajuste modifica a resposta.

EXEMPLO

“Você queria continuar. Agora é hora de guardar. Quer começar pelos carrinhos ou pelos blocos? Eu guardo os três primeiros com você.”

DISCIPLINA É ENSINO

Escolha regras realmente importantes e possíveis de sustentar. Limites claros, consequências coerentes, reconhecimento de respostas adequadas e expectativas compatíveis ajudam a criança a aprender com segurança.

Antes de responder, vale refletir

Duas diferenças que ajudam a escolher como agir

Nem toda situação pede a mesma resposta. Estas perguntas não servem para retirar a autoridade do adulto, mas para tornar a intervenção mais consciente, proporcional e educativa.

INADEQUADO

Há risco, desrespeito, prejuízo real ou quebra de um limite importante. A criança precisa ser protegida, interrompida e ensinada a agir de outra forma.

INCONVENIENTE

Incomoda, atrasa, faz barulho, bagunça ou exige paciência, mas pode ser compatível com a idade e não representar um problema que precise de correção.

BÚSSOLA ANTES DE AGIR

Isso coloca alguém em risco ou produz prejuízo real? Fere um direito ou combinado importante? É esperado para a idade? A criança já possui a habilidade que estou exigindo? Quero apenas que pare ou quero ensinar algo? Minha resposta vem da necessidade da situação ou também do meu cansaço, pressa, vergonha ou ativação? Posso sustentar o limite sem transformar o momento em uma disputa?

CONTROLE X EDUCAÇÃO

QUANDO O FOCO É CONTROLAR

A urgência é fazer parar, obter obediência imediata, evitar julgamento ou vencer a disputa. A criança pode até interromper a ação, mas não necessariamente aprende o que fazer no lugar.

QUANDO O FOCO É EDUCAR

O adulto protege, mantém o limite e ensina. Considera idade, contexto e habilidades, oferece oportunidade de reparação e amplia autonomia sem abandonar a responsabilidade.

ATENÇÃO TAMBÉM SE CONSTRÓI NOS BONS MOMENTOS

Se comportamentos inadequados que recebem atenção aumentaram, observe também a rotina: há momentos de conexão, brincadeira, conversa e atividades agradáveis sem que a criança precise criar uma situação difícil para acessar o adulto? Ampliar tempo de qualidade e atenção positiva pode fazer parte da intervenção. Essa é uma hipótese a testar, não uma conclusão automática.

Um registro para compreender

Observar padrões antes de escolher estratégias

SITUAÇÃO

Onde aconteceu? Quem estava presente? O que estava sendo solicitado ou esperado?

ANTES

O que aconteceu imediatamente antes? Como estavam o ambiente e o corpo da criança?

RESPOSTA DA CRIANÇA

Descreva o que foi possível ver e ouvir, sem rótulos ou suposições sobre intenção.

DEPOIS

O que as pessoas fizeram? O que mudou? A criança conseguiu algo, evitou algo, recebeu ajuda ou permaneceu sobrecarregada?

UMA HIPÓTESE CUIDADOSA

“Pode ser que essa resposta esteja relacionada a...”

O QUE VAMOS EXPERIMENTAR?

Que pequeno ajuste, apoio ou habilidade pode ser testado?

O QUE ACONTECEU?

O ajuste ajudou, não mudou ou tornou a situação mais difícil? O que aprendemos?

QUANDO BUSCAR AJUDA PROFISSIONAL

Procure avaliação quando os comportamentos produzirem sofrimento frequente, prejuízo importante na rotina, nas relações ou na escola; envolverem agressão, autoagressão, fugas ou outros riscos; surgirem de forma intensa ou repentina; ou quando a família não estiver conseguindo conduzir as situações com os recursos disponíveis.

Este material favorece observação e reflexão. Não substitui avaliação clínica nem deve ser utilizado isoladamente para diagnosticar a criança ou definir a função de um comportamento.

Fontes consultadas: Hanley, Iwata e McCord (2003); Sege e Siegel, American Academy of Pediatrics (2018); Organização Mundial da Saúde, Guidelines on Parenting Interventions (2023).